

UMA CERIMÔNIA DE NOMINAÇÃO ENTRE OS KAYAPÓ

Horace Banner †

Existe entre os índios Kayapó, tribo que vive na região do médio Xingu, uma divisão nítida em duas categorias e que em língua indígena são chamadas, de um lado, os *mẽ-reri-meit* (os que possuem nomes cerimoniais) e por outro os *mẽ-kà-tam* (as pessoas comuns, sem nomes cerimoniais).

Não é que nascem assim já classificados. Ao nascer todos são *mẽ-kà-tam*, e assim continuam até que os pais possam cumprir as condições para organizar a cerimônia, isto é, possuir o número de parentes necessário para garantir as formalidades que a tradição exige e ter coragem e saúde para alimentar a todos quantos participam da festa.

Descrição da cerimônia de nomeação Mẽ-kôkô

Esta cerimônia foi observada entre o grupo *Kuben-krân-kein*, uma das facções dos Kayapó setentrionais, grupo lingüístico Jê. Tive oportunidade de assistir a esta cerimônia em duas ocasiões, em outubro e novembro de 1964 e em dezembro de 1971 e janeiro de 1972.

Este período do ano (outubro-janeiro) corresponde mais ou menos à época que decorre entre o plantio do milho e sua colheita.

Embora a nomeação da criança nada tenha a ver com o milho, os índios aproveitam a ocasião para observar o *baù i angri*, ou resguardo do milho. Para o Kayapó, o milho é quase sagrado. Quando, com as primeiras chuvas, a semente é entregue ao seio da terra, a tribo fica sem milho algum por uns 90 dias. Cortam-se os cabelos das *mẽ-korêrê* (nulípara, mulher sem filhos) que fazem o plantio cerimonial, como de luto por um filho enterrado.

Outras fases do resguardo — danças, canções e invocações continuam até que, com a colheita nova, a tribo se sinta segura de qualquer perigo de perder o milho.

É assim que, no meio da festa de *kôkô*, e em outras cerimônias de nomeação ou iniciação aperecem elementos que pertencem ao milho e não especificamente à nomeação ou iniciação.

Máscaras empregadas

- pàt* — éfigie de tamanduá-bandeira, macho, fêmea e filho (*krut*)
kukuire — macaco
kubùt — guariba
kôran — surubim (peixe), o verdadeiro *Kôkô*

As máscaras *kukuire* e *kubùt* são feitas e manipuladas exclusivamente pelos *mê-kròm-jwòn*, os “compadres” do dono da festa. As *pàt* são de responsabilidade do mestre das cerimônias, que também se chama *pàt-ka-tóro-jwòn* (aquele que faz sair o *pàt*). A certos materiais usados na confecção das máscaras *pàt* e *kôkô*, dão o nome de *pàt-nhô-nekrêt* e *kôkô-nhô-nekrêt*.

Tal *nekrêt*, que pode ser traduzido por “herança”, “bagagem”, “posses” ou “mercadoria”, cabe às donas das festas anteriores suprir. Consiste nos seguintes adornos:

- màn iamù* — as penas da cauda de arara
nqàq — madre-pérola
kaïn — fios de algodão, usados para adorno das pernas
arapê — feitio de tiracolo

Durante o tempo em que os “compadres” estão vestindo as máscaras *kôkô*, devem usar colares de madre-pérola.

Os participantes

- mê ngre nhô jwòn* — “o dono da cantiga”, o mestre das cerimônias
kôkô-bám e *kôkô-nan* — pai e mãe de *kôkô*, os “donos da festa”
mê-kròm-jwòn — os “compadres” — pai
mê-kà-tàm — gente comum

As meninas nominadas

- Em 1964 eram 2 meninas — *Kôkôjàm* e *Kôkônáp*
 Em 1971/72 eram 5 meninas — *Kôkôto*
 Kôkôkwôiti
 Kôkôyaômti
 Kôkôrerek

Proibições

Enquanto *mê kâ tàm* pode alimentar-se de tudo sem perigo à saúde, *mêbe kôkô*, durante a vida toda, deve abster-se da carne de tamanduá, guariba, macaco e surubim, sob pena de ficar *bibãin* (enlouquecer) ou ficar com “pano branco” na pele.

7 de dezembro de 1971

Uma longa fila de mascarados entrou na aldeia, vinda do acampamento onde se prepararam durante muitos dias. Esta fila era constituída de: 20 'macacos' (*kukuire*), 2 'guaribas' (*kubùt*), 2 'tamanduás-bandeira' (*pàt*) e 1 'tamanduá filho' (*krut*). Todos pararam em frente da Casa dos Homens. Os *kukuire*, um por um, após cumprimentarem os *pàt*, sacudindo-lhes os chocalhos que ornavam os pescoços, sentaram-se. Depois, os dois *pàt* começaram a dançar, com os *kubùt*, fazendo graça como palhaço no circo. O pequeno *krut* ficou sentado, zelado por sua avó.

O velho mestre das cerimônias, veterano da classe *kôkô*, cujo nome é *kôkôngoti*, andava ao redor dos mascarados, sacudindo o maracá.

Depois de meia hora, os *kubùt* e *kukuire* começaram a andar de casa em casa, espantando as crianças e pedindo, em voz disfarçada para evitar a identificação, comida às donas de casa.

Todas as máscaras pernoitaram na Casa dos Homens: as dos *kukuire* foram penduradas, enquanto as demais ficaram no chão.

8 de dezembro de 1971

Os *pàt* dançaram o dia todo. Os outros mascarados passaram o dia de casa em casa.

À tardezinha, das 4 casas das donas da festa, surgiram 9 máscaras *kôkô*, manipuladas pelos "compadres" que as fizeram. Andavam devagar, quase centímetro por centímetro, até chegarem ao meio da praça, onde formaram grupos, cada qual cercado pelas parentas da criança festejada. As mulheres cobriam as máscaras numa verdadeira cortina de fumo, para defendê-las de possíveis investidas de espíritos malévolos.

Os *kôkô* ficaram em pé, sem fazer movimento algum, por meia hora. A um sinal do Mestre das Cerimônias, os *kukuire* deram um grito e os *kôkô* voltaram para os locais de onde haviam saído, sempre mantendo aqueles passos de centímetro.

Dentro das casas, as máscaras foram protegidas com o máximo cuidado, afixadas em forquilhas previamente amarradas ao teto. Assim ficaram um pouco suspensas do chão para não serem contaminadas pelos cachorros. Acendeu-se um fogo lento em baixo, para afugentar as moscas e os espíritos maus (*mê-karôn*). Não se deixou a casa sem vigia, quer de dia, quer de noite. Se por acaso uma máscara viesse a cair ou ficar suja, sofreria com isso a saúde da criança festejada.

31 de dezembro de 1971

Todos os dias, de manhã muito cedo e à tardezinha, as máscaras *kôkô* tem repetido seu ato. Só o interromperam por 3 dias, quando toda a aldeia, menos os *pàt*, *kukuire* e *kubùt*, que não fizeram pausa, foram procurar comida para a festa.

As máscaras *pât*, já bastante usadas, foram substituídas por novas.

Depois de as máscaras *kôkô* serem protegidas, a festa foi como que interrompida para o Resguardo do Milho, visto o milho novo já estar amadurecendo nas roças. Durante este tempo os *pât* adquiriram uma perfeição quanto à sincronização de movimentos, admirável quando se considera a dificuldade de visão de dentro das máscaras. Os dois *pât* acompanham um ao outro, gesto por gesto, virando para cá e para lá com perfeita simetria. Todos os homens dançam, cada qual por sua vez. A dança termina no que parece ser a simulação de cópula dos dois animais.

Deixando todas as máscaras de lado, os homens saíram para executar a dança *kôrantire*, a que assistimos em outras ocasiões, especialmente quando os caçadores, numa espécie de ação de graças pela abundância de víveres, voltam de uma caçada coletiva.

Para a dança, cada índio levava alguma coisa enfiada numa haste, ou de vara ou de flecha: uma penca de bananas, uma pele de gato, uma cabeça de arara, um capacete de penas. Terminada a dança, as mulheres chegaram com tudo quanto existe de cultivo indígena, com carne e peixe moquiado e bolos de mandioca, depositando tudo aos pés dos seus filhos, irmãos e sobrinhos. Ajuntando tudo nos braços, os homens foram fazer a refeição grande num acampamento a uns 200 metros fora do perímetro da aldeia.

1 de janeiro de 1972

Hoje as máscaras *kôkô* desistiram de aparecer, dando lugar ao Resguardo do Milho que está chegando ao fim. Durante o dia os homens da classe *mê krare* (os que têm filhos pequenos), foram cortar um pé de buriti, comemorando a derrubada do lendário 'pé de milho' das suas tradições. O tronco foi depositado na Casa dos Homens.

Durante a tarde, as mães enfeitaram seus filhos com todos os seus adornos, inclusive com os que se usam somente por direito hereditário. À tardezinha, os meninos agruparam-se no perímetro da aldeia e chegaram, em fila, até defronte da Casa dos Homens, onde imitaram a dança *kôrantire*, que tinham visto os homens fazer ontem, porém com esta diferença: traziam flores em haste em lugar dos diversos artigos que os homens carregavam.

Depois, os homens passaram uma hora executando a Dança do Milho, com canções tidas como pertencentes ao tempo da derriba do original *baù ùr* (o pé de milho).

2 de janeiro de 1972

Hoje os velhos raspam suas cabeças com lâminas de barbear (gilete). (Os homens novos, com raras exceções, se recusam a passar meses com as cabeças peladas pelo prazer de uma só noite de festa.) Em lugar dos capacetes de cera de antigamente, todos usaram diademas feitos de palha de buriti, com os cabelos salpicados de penugem de jaburu.

Como ontem, os meninos e rapazes desfilaram com hastes, porém hoje com hastes compridas, de até 6 metros de altura, tendo feixes de palha seca (*wôre ngrà*) amarrados na extremidade superior. Na versão do mito, um dia apenas era insuficiente para completar a tarefa da derrubada do pé-de-milho original, pois sendo a planta encantada, os cortes de machado feitos durante o dia saravam à noite. Somente quando os índios aprenderam a trabalhar à noite, iluminando-a com fochos de *wôre ngrà*, foi que conseguiram deitar a árvore abaixo. Eis o motivo dos feixes de palha seca carregados pelos rapazes, embora agora sirvam somente para alumiar o terreiro enquanto os dançantes comem seus bolos de mandioca.

Antes do escurecer, fizeram uma pausa na Dança do Milho. Organizaram-se em grande círculo enquanto, acompanhados de riscos, dois índios — *Piô'ti* e *Pinxibuk* — andaram ao redor baixando e erguendo-se como quem planta semente. Todavia, a explicação foi bem diferente dessa nossa interpretação. O rito é *nekrêt*, isto é, uma herança dos dois, o privilégio de ambos arremedarem em festa o peixe “sabão” — *parimu* —, que, quando intoxicado pelo timbó, nada em círculo antes de sucumbir ao efeito do veneno. Herança estranha, sem dúvida, porém aceita como tal por todos, pois ninguém contestou o direito de os herdeiros interromperem a Dança do Milho, como ninguém contestou o direito de a Dança do Milho de invadir a Festa do *Kôkô*.

A Dança do Milho durou a noite toda. Ao nascer do sol, o resguardo da preciosa semente estava terminado por mais um ano.

3 de janeiro de 1972

Hoje as máscaras *kôkô* tornaram a funcionar. E assim continuarão até que os índios partam para passar o resto do inverno em longínquos castanhais, tratando da safra. Dizem eles que, quando regressarem à aldeia, há de seguir a continuação da festa que se chama *pât kam kô*, o hasteamento do *pât*, cerimonial a que assistimos em 1964.

É interessante notar que em 1964 a fase *pât kam kô* precedeu a parte que acabamos de descrever. Não podemos explicar a razão disso, embora nos pareça mais razoável que o *pât kam kô* siga e não anteceda a outra parte. Aparece no *pât kam kô* uma oferta de milho já seco, fenômeno um tanto difícil no tempo do plantio.

Segue a descrição da segunda fase da Festa de Nomeação *Kôkô*.

18 de outubro de 1964

Entrou na aldeia uma fila de mascarados, *pât*, *kukuire* e *kubût*. Iniciadas as danças do *pât*, após encarregados os *kukuire* e *kubût* de manter as mulheres e crianças em atitude de expectativa, todos os homens foram caçar.

27 de outubro de 1964

Noite de lua cheia. Os caçadores voltaram sem ter obtido grande êxito nos seus esforços, o que não impediu que a festa prosseguisse com animação.

À tardezinha, os homens saíram da sede em fila, marchando de dois em dois. Na frente, ia o pai de uma das meninas festejadas. Sendo ele *mê kà tàm*, não usava enfeites. Seu companheiro, padrinho da outra festejada, levava toda a sua regalia da classe *Bep*. Seguindo-o, ia uma índia, dona da Festa de *Kôkô* anterior, a quem tinha cabido a responsabilidade de fornecer material para a confecção de máscaras.

A dança que seguiu era de *mê uê mêro*, descrita por Edson Soares Diniz, que observa: "Os informantes dizem que essa dança, apesar de não ser exclusiva dessa cerimônia, faz parte dos festejos do casamento." ("Os Kayapó-Gorotíre", *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*, Antropologia, nº 18, Belém, 1962; pág. 26).

Dançaram a noite toda, batendo seus cacetinhos, até que, ao nascer do sol, os jogaram ao chão, onde foram apanhados pelos meninos. Dizem que todos deviam ter raspado os crânios, a gilete, e se haver munido de capacetes de cera de abelha, porém usavam apenas capacetes de palha.

29 de outubro de 1964

Foram introduzidas hoje novas máscaras *pât*.

2 de novembro de 1964

Enquanto os *pât* dançavam, reuniram-se defronte da casa do capitão todos os homens enfeitados com capacetes de penas verdes. Dividiram-se em duas turmas, cada qual colocando-se ao lado de um mastro, deitado no terreiro.

Dois homens — *Bepkit* e *Pereti* — esconderam-se em tocaias feitas de esteiras. Durante uma pausa, ofertaram-se aos dois *pât* bananas e milho seco, com que foram enfeitados.

De repente, apresentaram-se 4 casais, chamados *pât turu jwonh*. Estes casais, unidos não pelo matrimônio mas por serem *kròm* (compadres e comadres) de índios da classe *kôkô*, já falecidos. Em um caso, foi com as saudades de um índio *kôkô*, ainda vivo, porém ausente da aldeia, que seu *kròm* passou a dançar.

Até este ponto somente os homens haviam manipulado as pesadas máscaras *pât*.

Agora chegou a vez das mulheres. Naturalmente não foi sem um certo acanhamento que elas vestiram as máscaras e começaram a dançar, mas, sendo parte do cerimonial, ninguém ria. Antes, as demais parentas começaram a chorar em alta voz, enquanto as velhas cortavam-se com facões, como fazem quando enterram os mortos.

Nos últimos passos da dança do quarto casal, os dois homens até então escondidos pularam das tocaias e, lançando mão das máscaras *pàt*, tiraram-nas dos dançantes, entregando-as aos demais homens, que por sua vez as enfiaram nos dois mastros, erguendo-as ao alto. Uma vez erguidas, as máscaras *pàt* foram crivadas de flechas. A festa havia chegado ao seu auge. Tiros, gritos, choros, pés que batiam, facões que cortavam. Todos procuravam segurar os mastros, mesmo que fosse com uma só mão, ou mesmo com um só dedo. Os mastros foram levados rumo ao terreiro em frente à Casa dos Homens; todos os acompanhavam, alguns de joelhos, por não acharem outro lugar por onde segurar o mastro, a não ser no pé.

Mulheres, com crianças aos ombros, andavam de braços estendidos em direção aos *pàt*, as palmas das mãos abertas como em súplica, os olhos quase fechados num êxtase de homenagem.

Foi a coisa mais aproximada a culto que jamais presenciamos em mais de 40 anos de convivência com os índios.

4 de novembro de 1964

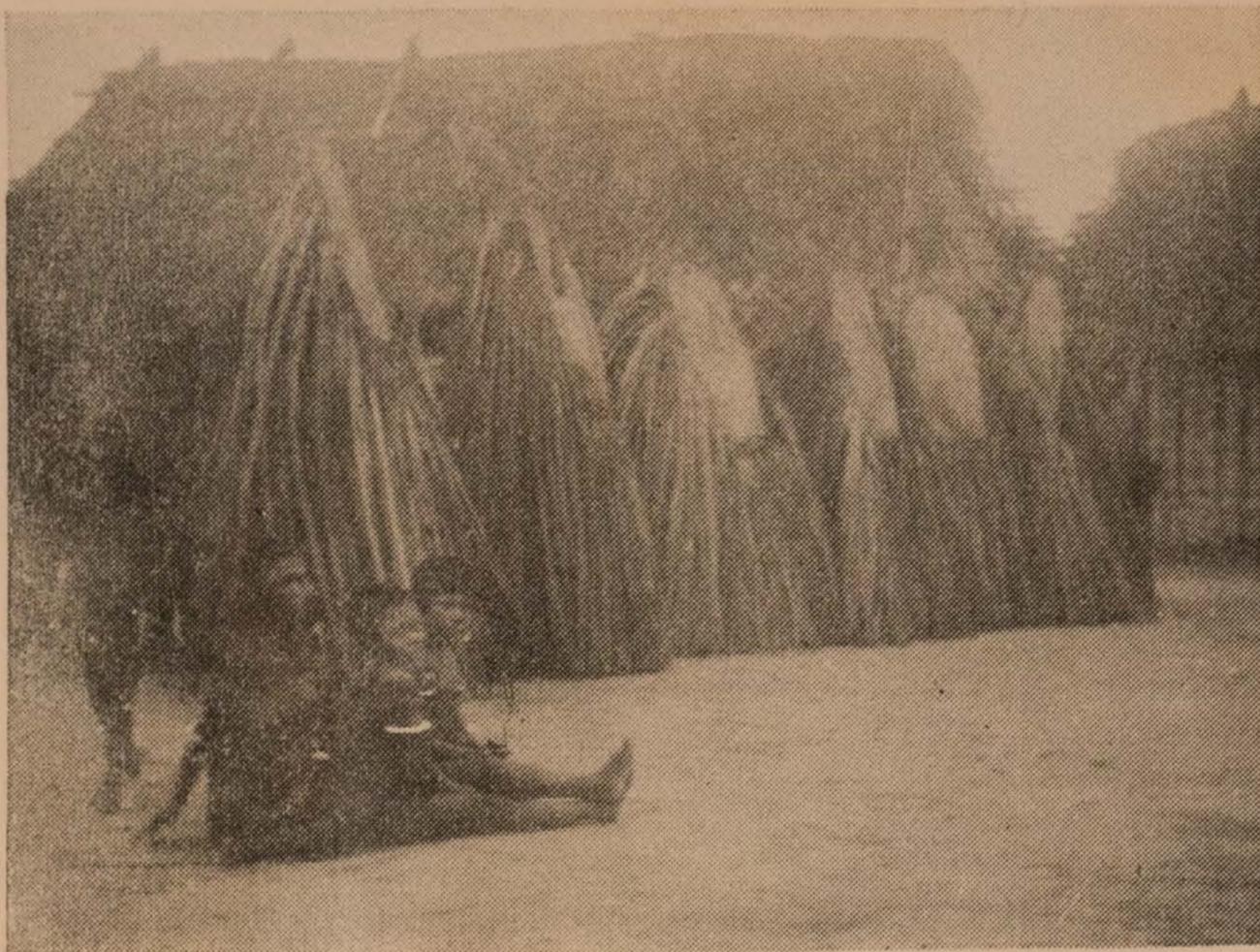
Hoje os donos da festa mataram um veado e convidaram a todos para fazer refeição em casa. Os dois *pàt* "mortos" foram pendurados em alto galho de pequizeiro na beira do rio, para ali ficarem até caírem de velho. Os dois mastros foram erguidos em frente das casas dos donos da festa. — Em março de 1966, os restos dos *pàt* ainda estavam no pequizeiro.



1. As duas máscaras *pât* (tamanduá-bandeira), macho e fêmea.



2. As máscaras *kukuire* (macaco). As cabeças de fibra de buriti, tecido fino, os corpos de palha.



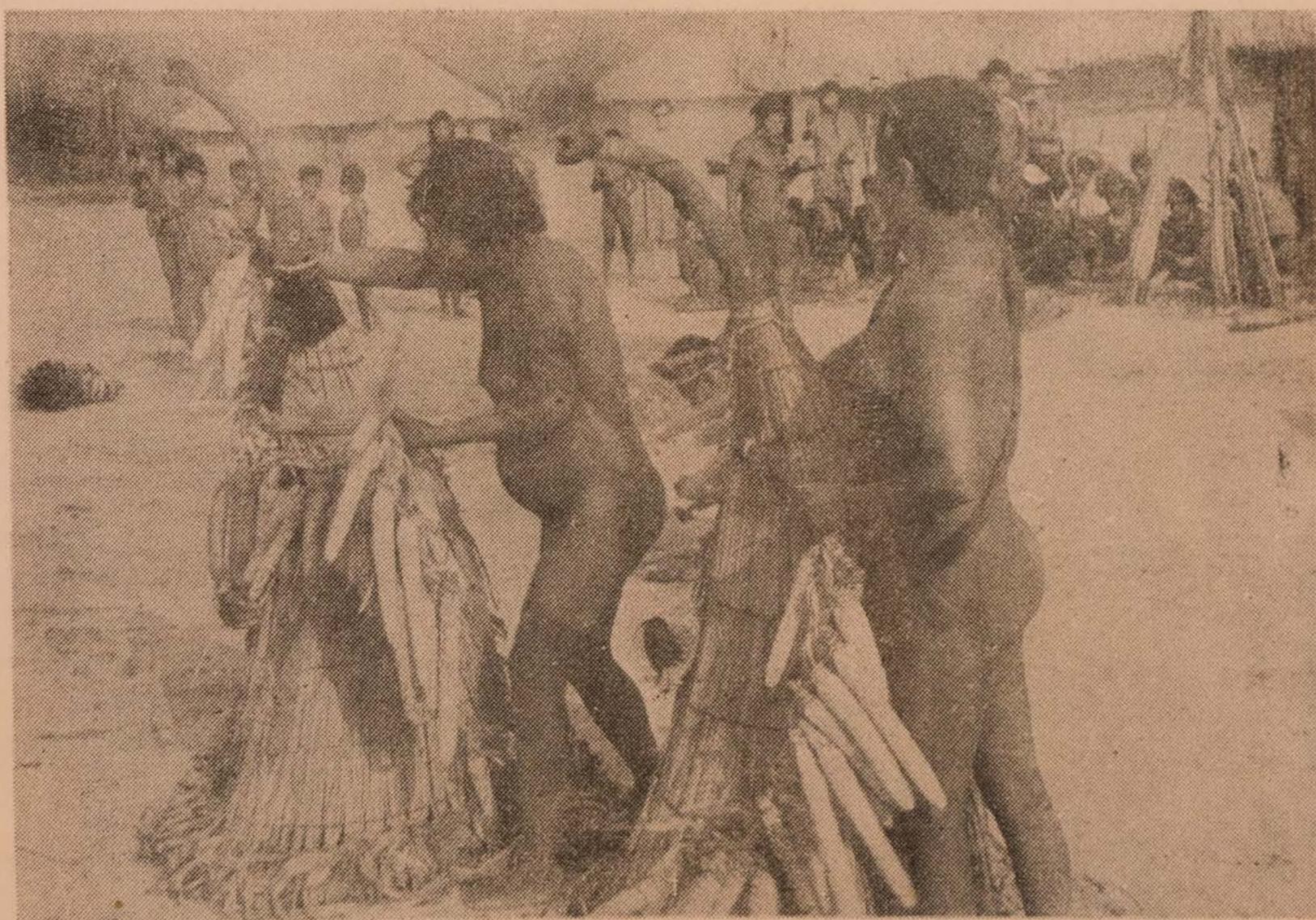
3. As máscaras *kôkô* (representação do peixe surubim). Uma máscara para cada "compadre" de cada criança sendo nominada. Terminada a festa, as "faces" das máscaras são desfeitas para servirem de esteiras.



4. As festejadas, com seus "compadres". Também se vê a máscara *krut* (filho de tamanduá) cujo papel na festa é só sentar.



5. Um casal dos festejados, com todos os adereços usados na véspera do 'dia grande'
(*pât kam kô*).



6. Oferta de milho, minutos antes da execução dos *pât*.



7. O auge da festa *pàt kam kô*, o hasteamento das máscaras *pàt* com o povo reunido ao pé dos mastros, como em culto.



8. O fim das máscaras *pàt*.